



Vadios e Beatos

Um dos primeiros teóricos da arte brasileira, Gonzaga Duque, afirmava, em fins do século XIX, que não teríamos futuro para as artes no Brasil. Influenciado pelo preconceito das teorias positivistas, o crítico considerava como causa para tal fracasso a vida na metrópole, e Duque se referia especificamente à cidade do Rio de Janeiro, que apresentava um povo “acanhado, ignorante, pequenino”, formando uma sociedade “vadia e beata”. O crítico observava personagens sociais, capadócios de importância que viviam “à boêmia”, “tocando viola nos fados”, jogando capoeira. Assim, foi-se criando uma análise que, anos depois, configuraria uma das mais importantes compreensões sobre os modos como o Brasil lidava com ritos como o carnaval. Já se observava, na então metrópole, a inclinação para práticas dionisíacas, no corpo, na brincadeira, nas realizações populares.

Quando pensamos o quanto estas supostas “vadiagem” e “beatice” contribuíram para formar uma imagem de Brasil, percebemos que a história se fizera à revelia das palavras de Gonzaga Duque. E este corpo vadio e beato figurara em distintas épocas como conquista de liberdade, presença do extra-oficial, subversão às disciplinas e normatividades. Vemos, então, o sujeito nas peladas de futebol, nas praias, nas praças, nas ruas, nas matas, extenuado depois da folia nos bailes, autorizado pelos ritos de inversão do carnaval. Este mesmo ser nacional, torna-se político. Antes, aprisionado, sempre vigiado, ganha o mundo, gerando interesses que se refletem nas artes, na música, nos esportes.

São vários os modos de ritualização na cultura brasileira. Roberto Da Matta já sinalizou a relação entre carnaval, procissões e paradas militares. As dramatizações cotidianas são constituídas de misturas e variações com tais vínculos, muitas vezes interditos entre si, onde podemos perceber a presença da fé e da volúpia, do êxtase e do gozo em ampliados signos visuais e latentes. Do simples gesto de cobrir o rosto e o corpo com máscaras, tintas, brilhos ao emular de situações eclesíásticas, o binarismo é, a todo instante, na sociedade brasileira, fadado a ruir, ou a ser satirizado. Mas, agora, ao contrário do que disse o antropólogo, não há esquecimento do “trabalho”. De outro modo, há uma economia simbólica que se torna atenta e crítica, sem submissão. Basta

que se proíba ou se ameace o cerceamento da liberdade para que as ruas sejam ocupadas por cartazes, protestos, fantasias, escrachos.

Pensar o Brasil, é se referir a momentos e sujeitos marcados por diversas crises de sociabilidade. Antes condenado ao trabalho, à escravidão, aos preconceitos étnicos (raciais), o mesmo sujeito funciona, agora, como ameaça à soberania branca, às divisões de gênero e classes sociais, às relações entre patrões e empregados, ao acesso à moradia, ao direito às mídias. E no carnaval, todos esses recalques retornam como fantasia, juntando-se sagrado e profano, normas e interdições.

Este será o vadio, de sexualidade exibida, que se apodera da rua nos dias de folia e depois das cinzas. Um ser que se exercita na dança, erótico, travestido, marginal, repleto de bandeiras e paixões, escandalizando a hipocrisia oficial.

Com essa mistura intensa de crenças, ergueu-se a realidade brasileira. Acredita-se, então, em santos católicos e orixás do candomblé. Ao mesmo tempo, a crença exhibe-se, em oração, na fé aos ícones, ao santo padroeiro dos capadócios, no uso de patuás como adornos, na idolatria, nas procissões, desfiles e passeatas. “Formavam bandos de dança”, afirmava Gonzaga Duque, “ornados de penachos e cocares, trazendo guizos aos pés, fitas e avelórios por todo corpo, faziam esgares selvagens [...]”. Sobre a crença na religião católica, Duque vaticina: “Era este o povo da colônia; povo enfraquecido e beato, que pedia instantaneamente a edificação de conventos para as freiras, como famintos pedem pão”.

Chegamos, então, a conclusão de que os ritos encenam nossa delícia e nosso acaso. Agregam-se pessoas, agora, libertas e suspeitas, como conceito e ameaça. Assim, na carne das cidades ou nos recônditos do sertão e das matas, nos becos das favelas, abrem-se clareiras. Excedem-se limites. Muda-se a paisagem, de concreto, barro, lama e mar.

A fantasia possibilita instantâneos de gêneros alterados, atravessamentos de classes sociais, proximidades a brilhos falsos, marginais ao capitalismo. Legitimações são vivenciadas numa vertigem de temporalidade e nos efeitos do prazer e da ilusão.

Marcelo Campos
Curador